



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO II N.º 21
AGOSTO DE 1959

Composição e impressão:
Escola Typ. da Oficina de S. José
= BRAGA =

O CRISTÃO E O TRABALHO

A DÃO caíra miseravelmente do pedestal de glória em que Deus o entronizara. — Caíra e, mordido de remorsos, fugiu a esconder-se entre as árvores do paraíso terreal. Mas o Senhor veio, terrível e condenador e, depois de fulminar a serpente e a mulher, voltou-se para Adão e entre outras penas impôs-lhe a seguinte: « Comerás o pão com o suor do teu rosto ». Era a lei do trabalho que começava desde então a vigorar. Dali em diante, para que os homens tivessem o de que precisavam para vestido e sustento era necessário que os mesmos homens o arrancassem custosa e laboriosamente da terra. E porque todos vestem e todos comem e todos têm as mesmas necessidades vitais que é inadiável satisfazer, ninguém está dispensado de, na medida das suas forças e segundo as habilitações, contribuir com o seu trabalho para a prosperidade de todos os homens. Portanto quem, duma maneira ou doutra, não contribuir com o seu vigor intelectual ou físico para o progresso da humanidade pode considerar-se um parasita, uma sangue-suga da sociedade que só vive para empobrecê-la e sobrecarregá-la com uma carga inútil.

Durante muitos séculos os homens tiveram o trabalho, sobretudo o trabalho físico, como uma desonra, uma humilhação, um ferrete de ignomínia que só ficava bem na frente dos escravos. Mas com a vinda de N. Senhor J. C. ao mundo tudo mudou. Desde que o Divino Mestre se debruçou em Nazaré, durante muitos anos, sobre um banco de carpinteiro e, de serra e plaina na mão, de lá tirou o preciso para a Santíssima Virgem governar a Sagrada Família, desde então — dizia — o trabalho foi revestido duma auréola de dignidade, de elevação, de santidade que o torna uma honra para os homens.

E por isso que para o Cristão o trabalho

é uma lei, mas uma lei dignificante, fonte de honra e de honestidade, santificada pelo próprio Filho de Deus.

Através dos séculos, e sobretudo nos últimos, a doutrina sobre o trabalho tem evoluído espantosamente até atingir em muitos sistemas as raias da revolução e da demagogia.

Não é nestas discussões técnicas e sociológicas que eu me quero espaiar. Não é. Quero somente lembrar a todos os que lêem este jornal que o trabalho é uma lei que obriga todo aquele que se preza do nome de Cristão. Portanto quem, por mera preguiça, por ociosidade vergonhosa, por incompreensível e nojento parasitismo descuidar o seu próprio sustento ou o dos que estão a seu cargo, não é digno do nome de Cristão. Tenho em vista a tantos que, tendo uma saúde de ferro, andam por aí abusando da caridade pública. Também são dignos de reprovação aqueles ou aquelas que por negligência, preguiça ou egoísmo, deixam que os filhos que lançaram ao mundo, se arrastem, esfarrapadinhos, cheios de fome e de sede, pelos caminhos da nossa terra.

Temos pois que trabalhar para nós e para os nossos.

Se o fizermos por nossa conta e para obra nossa o trabalho será feito segundo a nossa vontade e preferências. Contudo o caso é diferente se o fizermos para outros mediante um salário estipulado. Nesse caso temos direitos e temos deveres entrando aqui na questão a nossa consciência de trabalhadores cristãos, dignos e honestos.

Temos pois direitos: a um salário justo, a um horário conveniente, a condições de trabalho racionais e humanas, etc. etc.

Mas, é bom não esquecer, temos também graves deveres aos quais não podemos

(Continua na 4.ª página)

TRISTEZAS DA BEIRA MAR

POR volta do meio dia, a tia Rosa era certa a bater aos portais. Não pedia esmola. Nunca pedia esmola nem rezava pelas obrigações da gente da casa.

— Ó mãe, está ali a tontinha!

Aquí uma fatia de pão, além uma malga de farinha e a tia Rosa lá ia governando a vida.

— Hoje é quinta-feira, não é?

Às vezes não era. Quase sempre não era mas ela pensava que todos os dias eram quinta-feira.

— É que vocemecê não sabe? Tenho que ir esperar o Carlinhos que chega hoje, coitadinho.

Há quinze anos que ia esperar o Carlinhos, lá ao fundo, à praia de Guilheta.

O Carlinhos desde pequeno que trazia na ideia aquela cisma do mar. Era nos tempos do caranguejo. Pelas tardes de Agosto, quando o mar estava de feição, os homens lá seguiam a caminho da praia, garrafão ao ombro, uma ou duas boroas de pão, presunto e bacalhau no saco.

— É que o mar puxa.

E puxava de verdade que nem todos aguentavam aquelas idas.

Quando os barcos partiam, o Carlinhos lá ficava

no areal até perder as velas de vista, na bruma do horizonte. E com os seus brancos morenos e chupados, zás, zás, imitava os homens da pesca no seu gesto de remar. Naquela noite não dormia. Via-se no meio das ondas, com as redes cheinhas de caranguejo.

E ele, zás, zás, aos remos, como um homem do mar. Ao longe, picando a noite, lá se viam as luzinhas da costa. Âncora, Castelo, Viana, onde os homens ancoravam quando o mar se embravecia. Lá estava o farol do Montedor, a relampejar, que ele gostava de ver à noite, da janela da cozinha da sua casa, enquanto a mãe fazia a ceia.

Ao outro dia, mal os barcos se avistavam, ainda antes que buzinassem a chamar as gentes, lá estava ele, de calças arregaçadas, de braços arregaçados para ajudar a descarregar. E dava as suas leis:

— Venham por aqui. Cuidado com essa onda. Ai tem penedos, isso: Em frente, sempre, sempre...

— Quando fores grande hás-de ser um mestre nas condições.

E o miúdo:

— Ah! Caramba!

Que ele já pedira à mãe para ir com os homens ao caranguejo.

— Mãe, deixe-me ir.

— Nem pensar nisso, rapaz.

— A mãe é uma medríca. Com mulheres ninguém pode governar a vida.

— Teu pai morreu no mar, Carlinhos.

— E então? Todos hão-de agora morrer no mar?

— Não, Carlinhos, ao mar não vais.

— Só uma vez, mãe.

— Não.

Mas o mar andava-lhe no sangue e ele não socegava. Era o sangue do pai. O pai fora creado, na canastra do peixe, de porta em porta, nos bons tempos da sardinha.

Aos doze anos partiu pela primeira vez. Voltou

muitas vezes. Aos dezoito era mestre e dos mais entendidos nas manhas do mar. Tinha a voz rude e a cara tsnada aos socalcos como os penedos onde batem as ondas. Casou. E um dia lá ficou com o barco, comido pelo mar. Tinha então o Carlinhos três meses. Mas agora o Carlinhos com os seus onze

anos chupaditos da fome e da cisma do mar, julgava-se mais valente que as ondas.

Foi ter com o tio Domingos, o Mestre do «Senhora das Vitórias».

— Leve-me consigo, tio Domingos.

— Tua mãe não quer, rapaz.

— São mulheres, tio Domingos.

— Pode haver novidade.

— Qual quê! Sei nadar.

Uma tarde, eram horas de ceia e o miúdo sem aparecer.

— Ó Carlinhos! Onde se terá sumido aquele diabo de rapaz!

Procura que procura, a tia Rosa soube a verdade: o Carlos tinha partido para o mar com o tio Domingos no «Senhora das Vitórias».

A mãe ficou apreensiva. O mar ficara lhe no coração como um pesadelo, desde que lhe comera o marido. À noite, contra o costume, rezou junto do oratório da sala. Sonhou com tempestades e naufrágios e acordou sobressaltada. Lá fora chovia

(Continua na 4.ª página)

— Grande nau, grande tormenta. —
Ai dos pequenos do mundo!
Em tormenta a vida inteira,
Qualquer onda os mete ao fundo.

Correia de Oliveira

Bilhete Postal

Para a Argentina

Bom amigo:

É com saudades que me ponho em contacto contigo. Ainda me lembro do momento em que me deixaste. E não foi o quebrar de uma amizade que nos unia, mas só uma separação material.

Agora ao voar nas asas do meu pensamento, ele leva-me até ao Continente Americano e faz-me poisar nas pampas da Argentina. E penso, talvez por também o ter sentido: Que apreço damos à nossa terra, quando a vida nos convidou a deixá-la!

De um lado a Europa, do outro a América; Portugal ao norte, a Argentina ao sul. Mas não os ligam o mesmo mar, que tantas vezes miraste na ansiedade de um pão menos amargo e de um caldo mais substancial? Sim, e ainda agora podes perscrutar nele as lembranças da tua esposa e o leve humedecimento dos beijos dos teus filhinhos.

A Argentina! Pátria grande por te dar um pão mais doce. Não fora ela a terra que o Senhor escolheu para dar cumprimento à petição que tantas vezes fazes: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje...!"

Par a par dessa gente que te acolhe solícita, deves-lhe gratidão. São 17 milhões que ajudam. Se-lhe solidário. Dão-te alguns palmos dos seus 2.800.000 km.² para que satisfaças aquilo a que todo o homem tem direito: o necessário à sua vida e à dos seus.

E se nesta conversa me permites mais umas linhas, relembro-te algo mais. Não eras impertinente para comigo e sei que nem agora o és. Escuta-me ainda:

— Houve um português que por aí passou há 439 anos (em 1520). Foi ele Fernão de Magalhães. Navegou na foz de La Plata e atravessava para o Pacífico pelo estreito do seu nome. Foi grande acometimento esse, a primeira viagem de circunnavegação, prova de que a Terra é redonda! E até tu beneficias agora disso. Afina, pois, o teu diapasão pelo desses grandes, e não esqueças a tua Pátria.

Escreve-me. Quero saber da tua vida. Longe, mas sempre amigos. Enfim, os teus esperam por ti. Remedeia a tua vida e vem para eu te abraçar também.

Sauda-te este amigo, que como tu vive longe da terra natal.

LANHESES, 35 KILÓMETROS

Domingo, 2 de Agosto. Dia quente de verão, abafado como poucos se podem gabar, nas terras onde passam as nortadas.

Alinharam à partida cerca de cinquenta e cinco ciclistas, alguns deles demasiado imberbes, a constatar com a excessiva idade de algumas bicicletas cheias de glórias passadas e batidas em esforçadas jornadas nos seus bons tempos e agora a suplicarem aflitivamente a caridade do descanso definitivo num ferro velho que delas se compadeça. Mas o entusiasmo dos primeiros e o brio retardatário das segundas tudo haviam de vencer. Além disso, o carro de apoio do Manuel Sampaio lá iria na rectaguarda com o seu ar de festa, para atender uma ou outra máquina que já não estivesse para estas folias.

No lugar da Estrada entrou para o ca-

mião um tanto prematuramente o primeiro desfalcado. Depois foi rolar em ritmo leve, sem novidade, por entre sorrisos de apoio e caras boquiabertas.

— Ó ti Manel, leia, leia o leteiro!

S. Romão, Anha, Darque, Vila Franca Subportela, Geraz do Lima.

Nesta altura já o carro de apoio levava três bicicletas a quem o reumatismo havia inutilizado os movimentos.

Em Geraz do Lima em lugar encomendado, rico de sombras e verduras e com vinho da região foi o almoço, um almoço alegre e com uma abundância proporcional às provisões que cada um levou de casa.

Ao princípio da tarde atravessamos o rio de barco, houve quem tentasse atravessá-lo a pé no sentido de economizar uns preciosos

(Continua na 5.ª página)

Tristezas da Beira Mar Festa de S.^{ta} Tecla

(Continuação da 2.^a página)

torrencialmente e trôvejava. Uma destas trovoadas de verão que parecem deitar o céu abaixo.

— Santa Bárbara bendita.
Que nos céus estais, escrita
Entre cruz e água benta
Livrai-nos desta tormenta!

Ap outro dia era uma quinta-feira. Passou a tarde, veio a noite e passou o dia seguinte e o barco sem voltar.

— Nossa Senhora dos aflitos!

Na igreja ardiam velas de promessa e na aldeia havia conversas a meia-voz pelas encruzilhadas.

Depois veio a notícia, trazida por um homem do Castelo que trabalhava nos estaleiros de Viana. O barco estava em Âncora, mas o tio Domingos e o Carlinhos ficaram no mar.

E a história seguia, de casa em casa, contada pelas esquinas dos caminhos e pelos carreiros dos milheirais. O mar estava bravo e a noite escura de breu. Uma onda mais forte levou o Carlinhos. O tio Domingos lança-se à água à procura do mítido. E nunca mais ninguém os viu.

— É preciso coragem, tia Rosa. Deus é grande.

No dia seguinte, a tia Rosa saiu de casa e foi pelos caminhos a perguntar a toda a gente se hoje era quinta-feira.

— É que, vocemecê não sabe? Tenho que ir esperar o Carlinhos que chega hoje, cottadinho. Estava doida, aquela santa mulher.

E todos os dias, durante quinze anos, depois de fazer a ronda pelas casas, lá seguia para a praia de Guilheta a esperar o Carlinhos que não devia demorar.

Os nossos escuteiros acamparam em Palme

Nos dias 4 e 5 de Julho, p. p. os escuteiros da nossa terra realizaram na freguesia de Palme um bem ordenado e alegre acampamento. Decorreu todo ele dentro da maior disciplina e da melhor camaradagem escutista. Jogos, canções, habilidades e outras coisas interessantes, tudo foi realizado com o máximo agrado e proveito educativo.

Escusado será lembrar a grande utilidade educacional de tais empreendimentos. Por isso é bom que os pais dos nossos escutas nunca deixem de colaborar conosco na realização de tão proveitosos acampamentos.

Junto às bucólicas águas do poético rio Neiva, espreitando, por sobre o verde escuro dos milheirais, o mar imenso que foi berço de glória dos nossos maiores, está a encantadora Capelinha da gloriosa Virgem e Mártir Santa Tecla.

Será lá, no lugar de Guilheta, que esta gloriosa Santa, juntamente com Santa Filomena, Santa Luzia e Santa Bárbara, será solenemente festejada nos próximos dias 5 e 6 de Setembro. O programa está bem elaborado e promete dar-nos uns festejos cheios de fervor, solenidade e alegria: Missas rezadas e comunhões gerais na Igreja paroquial, Missa cantada e Sermões na dita capelinha, procissão majestosa, além de banda de música, fogos do ar e de água e ainda outros divertimentos que oxalá sejam honestos e cristãos.

O cristão e o trabalho

(Continuação da 1.^a página)

fugir se queremos ficar com a consciência em paz. E assim um trabalhador honesto e digno deve ser pontual ao seu serviço, diligente durante ele, quer dizer, deve trabalhar sem falsas preguiças e manhas vergonhosas que desperdicem o tempo em prejuízo do patrão. Isso seria qualificado por esta palavra feia: "roubar.. O trabalhador cristão porá todo o seu empenho, toda a sua habilidade profissional, todo o seu brio, para que a obra saia perfeita, útil e agradável de maneira que dê inteira satisfação a si mesmo e ao que o contratou.

Deve ainda o bom trabalhador inspirar, pela sua conduta, honestidade e justiça de processos, toda a confiança ao patrão para quem trabalha. Mais claramente: que as vossas mãos de trabalhadores nunca se colem, de maneira que os arrastem até à vossa casa, aos objectos e materiais de trabalho que pertencem a outrem e não a vós. Isso seria roubo vergonhoso.

Finalmente sede respeitadores, delicados e atenciosos para com aqueles que vos pagam e vos dão meios de vida. Trabalhai com os olhos postos no vosso dever, em Deus e na sua glória e tende a certeza de que, se assim procederdes, além do salário deste mundo, tereis um salário muito maior na vida eterna.

Festa de Nossa Senhora das Vitórias

DONATIVOS

França

Albino Azevedo e Sá	1.000 frs
Domingos Azevedo	1.000 .
Eduardo Viana	2.000 .
Laurentino Azevedo	1.000 .
Manuel Azevedo Neiva	1.000 .
Luis Vicente Rei	50\$00

José da Cruz Viana (Macau) 20\$00

Brasil

José Alves da Cruz	Cr. 500 00
Antônio Alves da Cruz Faria 250 00
José Gonçalves Portela 200 00
Arminda Jacques Vieira 200 00
Antônio Augusto Manoa 50 00
José Alves da Cunha 200 00
Teodoro Martins Ledo 500 00
Um devoto de N. ^a S. ^a das Vi- tórias de Antas 500 00
João Meira 300 00
Raul Alves Caseiro 200 00
Joaquim Cardante 100 00
Amadeu Martins Meira 400 00
Maria Rodrigues Meira 200 00
Nereides Martins Meira 200 00
Manuel Valente 100 00
Domingos Martins Vitorino 100 00
Manuel de Matos Vitorino 100 00
Amandio Viana 200 00
Celestino Pereira 250 00
Laurentino Alves Moreira 100 00
Manuel Alves de Azevedo 200 00
D. Maria de Lurdes Azevedo Filha 100 00
Srta. Odete Maria Lopes, da Guarda 100 00
Manuel Martins da Silva 100 00
Oscar M. Laranjeira da Silva 100 00
Virgílio Laranjeira da Silva 200 00
José Meira; 200 00
Sezerio da Cruz R. Viana 50 00
Lino Meira 500 00
Manuel Pereira Motta 100 00

Total Cr 6 000,00

Escudos 1.130\$00

Lanheses, 35 quilómetros

(Continuação da 3.^a página.)

dois escudos, incluídos todos os impostos e foi então a entrada triunfal em Lanheses.

O sol ardente, o suor e o pó, os "físicos" em plena luta desgestiva a contas com aquela subida para a igreja de Lanheses, agreste de mais para a calmaria da hora, fizeram lembrar à população surpreendida e admirada um aspecto de uma etapa difícil da volta a Portugal.

Na igreja de Lanheses rezámos o terço... Foi sob as bênçãos de Deus que deixáramos S. Paio, era justo que fosse direitinha para Ele uma pequena parte daquele dia famoso.

Mais dois passos estávamos na casa do Sr. Reitor. Refrescos, água fresca do poço, tremoços, casqueiro, marmelada e vinho com abundância (daquele vinho que dá peito e canta na garganta) tudo foi vítima de um ataque sem tréguas, não havendo mãos a medir para todas as encomendas.

À família do Sr. Reitor que nos recebeu com tanto carinho e com aquela abertura de alma, generosa e franca que já lhe conhecíamos, e ao Sr. Reitor que nos proporcionou este passeio admirável, os nossos agradecimentos muito sentidos.

E foi entre vivas de alegria e de adeus, que iniciamos o regresso.

A mesma animação, a mesma boa disposição, e o mesmo ânimo alegre da partida nos acompanhou no regresso.

Houve até gente a quem o entusiasmo do regresso não permitiu acompanhar a calma mais moderada do pelotão.

Chegámos a casa, à boca da noite, cansados, cheios de pó e do calor da tarde, mas com a alma cheia da jovialidade daquele dia, da confraternização daquela rapaziada que sabe vibrar quando encontra alguém que sobre ela se debruça.

Bem haja pois a rapaziada e que nunca aquele ar de alvorada e de confiança se separe da sua juventude.

Um que não montou velocípedes

Noticiário

Casamentos

António Pires Rodrigues Menina, de Marinhãs, consorciou-se com Cândida Queirós dos Santos, na nossa Igreja Paroquial aos 8-8.

José de Barros Gonçalves Chasco também se uniu para sempre com Maria da Cruz Caseiro aos 22-8.

Aos quatro noivos desejamos as maiores felicidades no cumprimento dos deveres livremente contraídos.

Baptizados

Horácio Lima Rolo e Albino Lima Rolo, filhos de Manuel Alves Rolo e de Albina Alves Torres Lima, residentes no lugar de Azevedo, foram baptizados a 3-8.

José Albino da Costa Loranjeira, filho de Albino Rodrigues Laranjeira e de Maria Emília Martins da Costa, residentes no lugar do Monte, foi baptizado a 6-8.

Cândido Cardante da Cunha, filho de Manuel Alves da Cunha e de Maria Pereira Cardante, residentes no lugar de Guilheta, foi baptizado a 19-8.

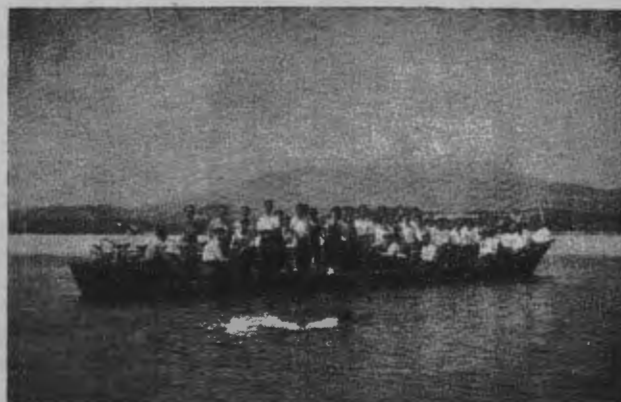
Alfredo Moreira de Oliveira, filho de António Moreira e de Elisa Martins de Oliveira, residentes no lugar da Estrada, foi baptizado a 10-8.

Horácia Marieta Corte Real Meira, filha de Mário Alves Meira e de Marieta Toninhas Corte Real Meira, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizada a 15-8.

Amândio Sampaio da Cruz, filho de Augusto Meira da Cruz e de Maria Alves Sampaio, residentes no lugar de Azevedo, foi baptizado a 22-8.

José Carlos da Cruz Costa, filho de Abel Alves da Costa e de Amélia Alves da Cruz, residentes no lugar da Estrada, foi baptizado a 23-8.

Com aprovação da Autoridade Eclesiástica



Expedição à Índia ou ao Brasil? Nada disso. Sômente um alegre passeio de bicicleta até Lanheses, que encontrou o Lima pela frente. E pronto. Não houve outro remédio senão embarcar e sulcar as águas remansosas e límpidas do maravilhoso Lima do esquecimento... Para descendentes dos descobridores de quinhentos não está nada mal.

Aos nossos Veraneantes

S. Paio tem os seus encantos, as suas belezas e atractivos. O mar com a linda praia, o rio com os peixes e margens remansosas, a paisagem bucólica, campezina e serena da nossa aldeia e a tranquila calma do seu viver atraem até nós muitas pessoas precisadas de repouso e distração. Muitas já cá se encontram, muitas outras virão com certeza. A todos eu me permito dirigir uma saudação respeitosa, amiga e sincera com votos de óptimo descanso e honesta distração. De todos me considero Reitor durante a sua estadia aqui, pelo que todos serão objecto da minha solicitude sacerdotal, se tal for necessário.

Queridos Veraneantes, a Igreja de S. Paio, durante as férias é a vossa Igreja e o seu Reitor, o vosso Reitor. Sêde bemvidos!

RECEBEMOS

Cândido Cunha (Geraz)	20\$00
Manuel Fernandes C. Viana (Angola)	50\$00
Manuel Alves Caseiro (Lisboa)	50\$00
Amândio Meira (Trofa)	20\$00